

VISÃO DO CORREIO

É preciso dar um basta

O esporte é uma prática, em sua essência, inclusiva. Pode ser praticado individualmente ou coletivamente, de forma amadora ou profissional. Quantas vidas o esporte já salvou? Casos de pessoas que já não tinham razão de viver e encontram em alguma atividade esportiva ou na paixão por um clube motivos para continuar não são raros. Anônimos e famosos. No caso do esporte profissional, a caminhada não foi fácil para a quebra de vários tabus. Tanto que as mulheres só começaram a disputar os Jogos Olímpicos em 1900, em Paris: 22 guerreiras representavam apenas 2% dos atletas. E somente na Olimpíada de Tóquio, realizada em 2021 por causa da pandemia, a igualdade com os homens foi alcançada. Em 2012, foi a primeira vez que as mulheres competiram em todas as modalidades. Mais recentemente, o preconceito tem se voltado a transgêneros, que precisam lutar muito para poder exercer o direito de ser um atleta de alto nível.

Outra dura realidade é em relação aos negros, que só passaram a competir nos Jogos em 1904, em Saint Louis (EUA), na terceira edição. Foram humilhados, sendo obrigados a correr descalços e vestindo chapéus. E a praga do racismo insiste em permanecer nas competições, como na última edição, em Tóquio, quando um diretor esportivo de ciclismo da Alemanha foi enviado de volta ao seu país depois de agressões verbais a atletas africanos.

Apesar de todas essas mazelas, que são reflexos da sociedade como um todo, o esporte apaixona o mundo há séculos e movimenta bilhões de dólares a cada ano. No Brasil, o futebol mexe com o país inteiro. Rivalidades nacionais e regionais fazem parte da cultura do país. Prova disso são os grandes públicos que já estão sendo registrados nos estádios com a flexibilização na maior parte das cidades.

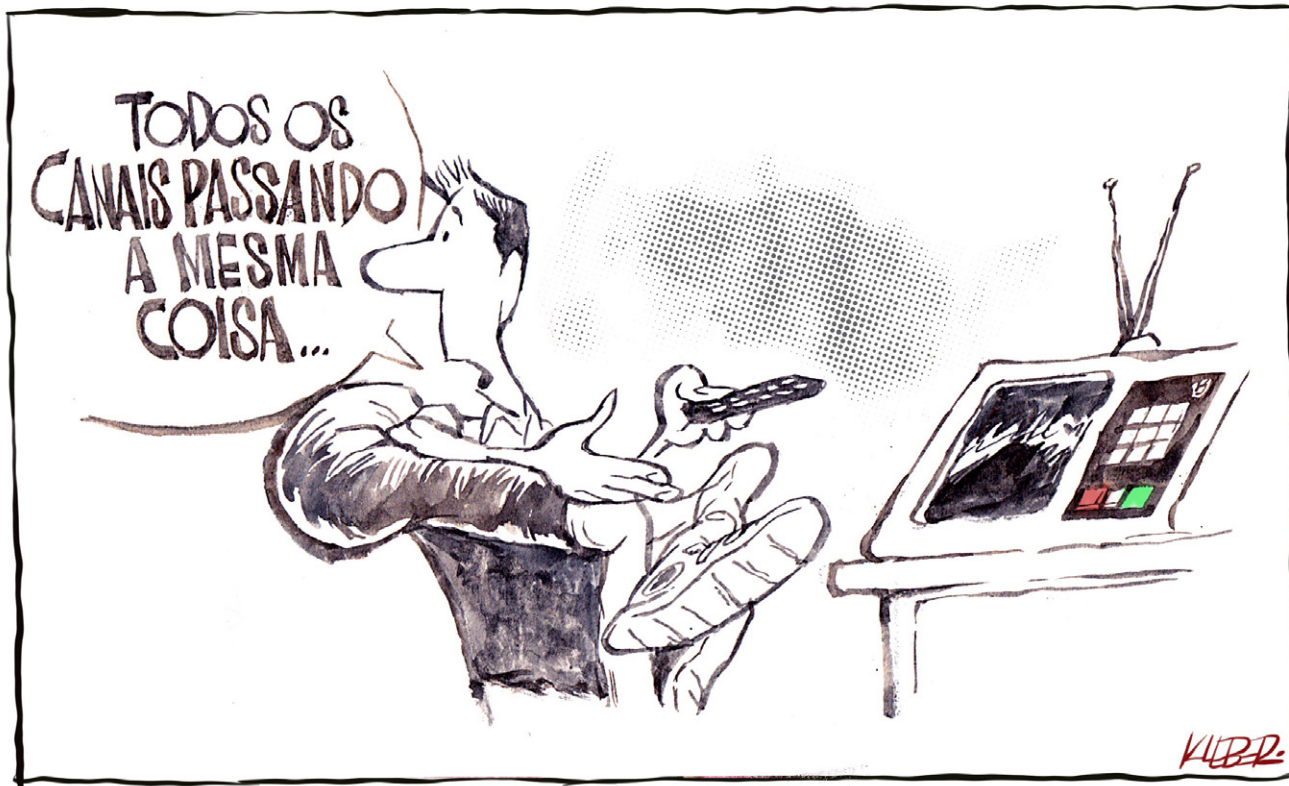
Só que, disfarçados de torcedores, muitos criminosos voltaram a mostrar a cara, sem medo algum de punição. Nos últimos jogos do Atlético, no Mineirão,

por exemplo, casos de assédio sexual dentro do estádio foram denunciados. Uma mulher foi mordida por não querer mostrar uma foto, outra foi agarrada e beijada à força, enquanto uma terceira ficou sendo importunada na fila do bar.

Caso de racismo e violência também foi registrado depois que um homem chamou a funcionária de um bar de “lixo” e “macaca”, por ela não ter servido uma cerveja em uma área na qual ela não poderia entrar. Depois do jogo, ele a cercou perto do banheiro e lhe aplicou uma rasteira, resultando em luxação no ombro e no pulso da trabalhadora. Ela registrou um Boletim de Ocorrência e as imagens de vídeo estão à disposição da Polícia Civil, que investiga o caso. Em novembro de 2019, um segurança do Mineirão também foi vítima de injúria racial por torcedores atleticanos. O caso foi extinto pela Justiça em maio.

Tanto a Minas Arena, consórcio que administra o estádio, quanto o Atlético divulgaram notas de repúdio sobre os fatos ocorridos. O clube promete atuar junto às autoridades para punição dos infratores, e o Mineirão informou que disponibilizou as imagens para as autoridades policiais, reiterou seu compromisso com a diversidade e a inclusão e listou ações que promove no estádio para tentar evitar esse tipo de problema.

Mas é pouco. É preciso que haja uma união de forças — incluindo aí os atletas, que precisam ter consciência do peso que suas imagens têm junto aos torcedores — para que esse tipo de comportamento seja banido da sociedade, não só dos estádios. Clubes, CBF, federações, jogadores, torcedores ilustres, políticos, autoridades policiais... Todos precisam dar as mãos para que crescências como essas, ocorridas no Mineirão, não ocorram mais em lugar algum. A punição prevista em lei precisa ser aplicada duramente em quem pratica tais atrocidades. O esporte não pode servir de pano de fundo para violência ou preconceito. Um estádio de futebol não pode ser palco de racismo e violência contra a mulher e nada acontecer. É preciso dar uma basta.



» Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Marechal Mattos

Como diretor da Fundação Cultural Palmares e jornalista atuante nas discussões da causa do negro, tive a oportunidade de, em 1991, convidar a professora Umbelina de Mattos Lorena de Sant' Anna, uma das filhas do Marechal Mattos, a participar de seminário sobre a temática do negro no Brasil, em Brasília. Professora do Colégio Pedro II e diretora do colégio ao qual o militar dá nome, na cidade do Rio de Janeiro, ela foi uma incentivadora da educação pública de qualidade em nosso país. Oportuno dizer além do que já foi posto no artigo publicado em homenagem a Mattos, no *Correio Braziliense* (13/11), que ele fez seu curso de Estado-Maior com a festejada Missão Francesa ainda no posto de tenente. Foi comandante do Regimento Escola de Infantaria, maior estrutura de poderio militar no Brasil quando de seu comando. Foi Secretário-Geral do Ministério da Guerra e Diretor de Finanças do Exército. Comandou tropas em Mato Grosso como general-de-brigada e divisão. Formado em 1921 na Escola Militar, na turma de Castelo Branco e Costa e Silva, foi um dos incentivadores da candidatura do Marechal Teixeira Lott à presidência da República.

» **Walter Gualberto de Brito**, São Paulo (SP)

Até quando?

Uma amiga protetora de animais, que tem sob seus cuidados cerca de 30 cães e gatos, além de fazer resgates pelas ruas e rodovias de Planaltina, onde mora, porque todos batem a sua porta quando se deparam com animais abandonados, maltratados ou atropelados, está enfrentando uma batalha interminável para conseguir fazer uma cirurgia de retirada de pedras nos rins. Pré-diabética, já tendo vencido um câncer, ela recebeu, há anos, o relatório de um médico para que o SUS providenciasse com urgência a cirurgia renal. Já se passaram 5 anos e toda vez que marcam os exames pré-operatórios, o hospital inventa outras prioridades e ela vai ficando para trás. Ela sofre crises renais constantes e precisa ser internada. Mas, nem isso move os profissionais do SUS a colocarem o caso como urgente, urgentíssimo, e marcarem, de fato, a cirurgia. Eles vão protelando *ad infinitum*, enquanto ela padece com as crises renais. Para piorar, agora estão adiando os exames preventivos que ela precisa fazer, a mamografia é importante por ela já ter tido câncer. Mas isso não parece importar para as pessoas da marcação. Até quando essa brasileira, que já é avó, terá de aguardar para que a atendam com dignidade e respeito, façam a cirurgia e os exames tão urgentes para ela continuar viva e recuperar o bem-estar que há anos não experimenta? Vejam bem, ela não pede atendimento no Expert

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Lewis Hamilton, grande campeão. Quebrou o paradigma da Fórmula-1 de campeões brancos, com talento puro.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Com mais de 19 milhões de famintos, até quando os brasileiros vão aguentar a corrupção letal do Centrão e do governo Bolsonaro?

Bernardo Evaristo Moraes — Taguatinga

Nem a tragédia de 610 mil mortos pela covid-19 consegue humanizar os deputados do Centrão, uma verdadeira organização criminosa.

Mercedes Gusmão — Asa Norte

O poder econômico prevaleceu. A preservação do planeta e da vida virou tema secundário na COP26.

Helder Figueiredo — Águas Claras

Einstein, ou no Copa D'Or, para onde são levados de jatinho da FAB, com nosso dinheiro, governantes e parlamentares, que ganham de sobra para bancar suas despesas e têm planos de saúde de primeiro mundo. Não, ela confia no SUS, em seus médicos e enfermeiros. Governador Ibaneis, deputados do DF, pagos a preço de ouro, podem ajudar minha amiga? Entre em contato comigo no meu e-mail janean-drade48@gmail.com.

» **Jane Maria de Andrade Araújo**, Noroeste

Pix para as mães

O cronista Marcelo Agner mencionou o drama das mães com seus filhotes a mendigar comida e ajuda para sobreviver. Não há pix nem auxílio bastantes contra a marginalização e a fome. Emprego? Onde, quando, como? A miséria acentuou-se ultimamente e os empregos encontram-se em extinção. Bertrand Russell, nos idos dos anos, na Inglaterra (!) já dizia que a jornada de trabalho não deveria exceder a quatro horas, para que as pessoas pudessem cuidar de suas vidas e de suas famílias. Em *Arquitetura e Questões Sociais*, afirmava: “O isolamento social das famílias trabalhadoras em bairros sombrios, superpopulosos, e muitas vezes insalubres, é um impeditivo à participação das mulheres na vida social e econômica. Edifícios de apartamentos construídos com recursos públicos, em que houvesse uma cozinha comunitária, um salão de refeições e um centro de lazer coletivo, um pátio ensolarado e uma escola maternal possibilitariam às mulheres trabalhar fora e desfrutar algum tempo longe de suas famílias. Além disso, seus filhos poderiam ter a atenção necessária, uma boa alimentação e a liberdade indispensável a uma vida saudável e instruída. Sugeriria também redução da carga de trabalho dos professores, uma vez que “duas horas de ensino por dia são suficientes, o que possibilitaria aos professores trabalhar e manter contatos sociais longe das demandas infantis”. Em tempo, Bertrand Russell era um famoso filósofo inglês do século 20, não um comunista utópico! Enquanto isso, nós fingimos não ver a miséria avassaladora que está corroendo as entranhas de pais, mães e filhos. Não adianta esperar que Papai Noel lhes traga um pix ou uma cesta básica. Não há interesse em solucionar problemas sociais no curto prazo. Não há marmittas suficientes, nem escolas, nem moradias, nem gás, nem abrigos. Salve-se quem puder. — Tio, me dá um trocado aí? — suplica a criança, projeto de raça humana, que nem sabe se vai comer. Muito menos, provavelmente.

» **Thelma B. Oliveira**, Asa Norte



FERNANDO BRITO
fernandobrito.df@dabr.com.br

Depois da COP26

As discussões por acordos que favoreçam a construção de cenários de segurança climática frustraram as expectativas dos mais otimistas durante a COP26, em Glasgow, na Escócia. Segundo analistas, a conferência se resumiu a bons discursos, alguns avanços importantes e questões fundamentais adiadas. Pelo visto, só o tempo dirá se a humanidade conseguirá escapar das duras consequências apontadas pelas previsões científicas mais alarmantes. Enquanto potências mundiais postergam para 2050 ou 2060 os prazos para efetivas ações que reduzam as emissões de gases do efeito estufa, o mundo, especialmente os países mais pobres, continuará a assistir ao agravamento da crise ambiental.

O Brasil, graças à incompetência do atual governo, perdeu a oportunidade de atuar como protagonista na elaboração e implementação de políticas de salvaguarda da vida na Terra. Sem a presença do chefe de Estado, o país se despediu da COP26 com a imagem de pária climático — uma grande nação que não se realiza, alinhada ao obscurantismo e ao atraso, capaz de relacionar miséria com matas nativas.

Resta-nos a esperança de encerrar essa fase da nossa história, em 2022, com a eleição ao Planalto de um governo que

se comprometa com incentivos e investimentos maciços na geração de energia a partir de fontes renováveis, como solar e eólica, e aposte no desenvolvimento de combustíveis menos poluentes, como o etanol (ou ainda motores elétricos). Infelizmente, as questões ambientais nunca estiveram no centro do debate político nacional e, se nos mantivermos assim, continuaremos a degradar o território e a qualidade de vida da população, enquanto alguns poucos latifundiários aumentam lucros com a exportação de soja e milho — mas falta comida boa e saudável na mesa de milhões de pessoas.

É curioso pensar que uma política ambiental transversal poderia solucionar profundas carências brasileiras. Gosto de citar o exemplo do Coletivo Aroeira, projeto desenvolvido em Brasília (*@coletivo.aroeria*, no Instagram). A partir de uma iniciativa de extensão do curso de psicologia da UnB, profissionais de diferentes áreas de conhecimento atuam no resgate e redução de danos a pessoas em situação de rua, promovendo capacitação profissional em práticas sustentáveis e desenvolvendo produtos ecológicos. De uma só vez, trabalham-se questões de saúde, educação, segurança, geração de renda e meio ambiente. As soluções existem, faltam iniciativa e boa vontade.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gínez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211 - Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadosp@uaigga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfj@uaigga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG; Tel: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midabrasilcomunicacao.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33, sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS; Tel: (51) 3231-6267; E-mail: hmr@hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones: 62 3085-1770 e 62-3912-6119. Brasília: SA Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>
Os serviços noticiais e fotograficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e A Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA		
Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 755,87
360 EDIÇÕES
(promocional)

DIÁRIOS ASSOCIADOS

DA LOG
Agenciamento de Publicidade